

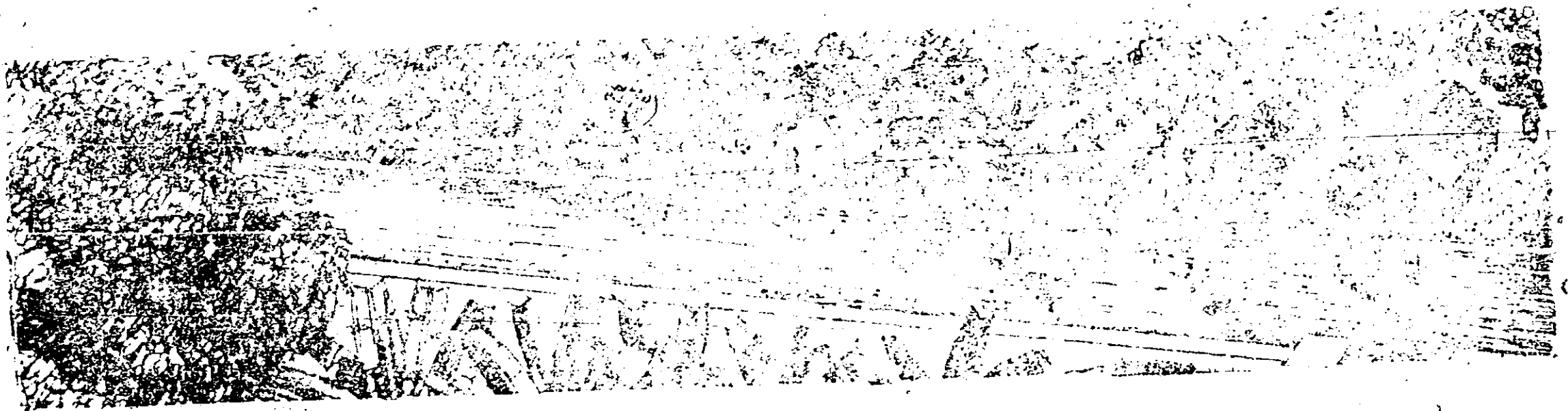
CORREIO DAS
ARTES

22 DE JULHO
DE 1956

Correio das Artes

Ano III Número 65

Brasília, 22/7 1956



A GLÓRIA

Giovanni PAFINI

Há alguns dias penso na glória. Agradar-me-ia chegar a ser famoso: agradecer-me-ia muito mais ainda que o meu nome ficasse, por dezzenas de séculos, na memória dos homens.

É necessário ter nascido grande para sobreviver na história? Não o creio. Contudo, é necessário fazer alguma coisa enorme e singular, que não possa ser esquecida.

Empresa agora difícil. Tudo foi feito, já. Foram aos dois pólos: o Atlântico foi atravessado em vôo: há quem fez a volta do mundo em bote, quem, embora côxo, a tenha feito a pé. As festas acessíveis aos mediocres providas de meios e de resistência, foram realizadas. Estão-me vedados os velhos truques. Escrever um poema? Não o conseguiria. Governar um Estado? Não me sinto capaz: além disso, não seria suficiente. Criar uma nação? E onde estão, agora, os povos escravos, as raças divididas? Talvez na África, entre os negros; não me entusiasma muito. Ser caudilho de uma revolução? E onde? E para que? Para semelhantes aventuras, se requer um

místico, um poeta. Eu não sendo os nomes e não saberia com que palavras levantá-los. Ser um herói na guerra? A guerra passou, e quando outra se desencadear, estarei velho ou morto. E nas guerras anônimas, de ranquilamento, não é fácil fazer-se herói de monumento, nem inventor de estratégias.

Pode-se obter a notoriedade momentânea com pouca fadiga, com uma extravagância qualquer, idiota ou engenhosa, mas não é isso o que eu procuro: eu desejaria a glória a maneira antiga — desígnio perpétuo — a de um David, de um Sócrates,

de um Newton, de um Napoleão.

Poderia, como tantos imbecias desta época, dançar três dias a fio, voar durante três semanas, casar-me com uma chinesa centenária. E então? Algumas linhas nos jornais, uma fotografia nas revistas ilustradas, e no cabo de uma semana, silêncio e esquecimento.

Para fazer uma grande descoberta, sou muito ignorante: não posso sequer pintar, nem compor música. Si desse os meus milhões ao primeiro que se apresentasse, seria tomado, não por um santo mas por um pródigo ou por um louco e

talvez, internado.

Resta o crime, mas também este meio de conquistar a fama é arduo e aleatório. Si incendiásse a catedral de Nova York, não me falaria célebre como Ercostrato. E seria um plágio vulgar que me iria custar, provavelmente, a liberdade.

Seria preciso um crime monstruoso e original, que ficasse na memória da humanidade como único. Não tenho escrúpulos, mas também não tenho fantasia. Inventar um crime novo, depois de tantos séculos em que os homens se torturam e se assassinam, não está ao alcance de qualquer um. Não bastam uma inteligência superior, a abundância de dinheiro e uma ausência total de prejuízos: é mister a intuição mágica do jamais visto, o poder imaginativo de um superdemonio, a assistência de um gênio espartano. E isso são coisas que não se compram e não se improvisam. Sem contar que o resultado pode ser, em lugar da fama eterna, a efêmera popularidade da cadeira elétrica.

Poderia tentar o caminho oposto: o do bem.

Conclue na 10ª pag.

PARA UMA SENHORA BRANCA

COUNTEE CULLEN

Ela chega a pensar que, lá no céu,
A gente da sua classe deita-se tarde e ronca,
Enquanto os pobres querubins negrinhos le-
[vantam-se às sete
Para fazer todos os serviços domésticos ce-
[lestiais...

Trad. de Guilherme de ALMEIDA

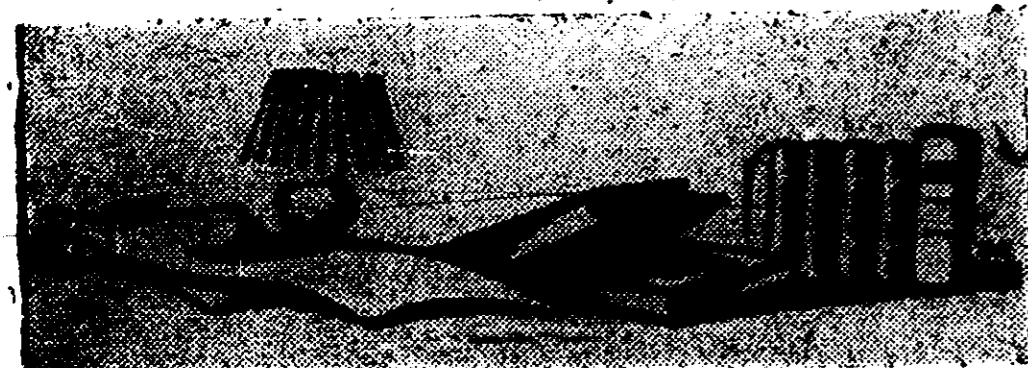
DE SARAH BERNHARDT A SARDOU

A paixão violenta e descontrolada que marcou o temperamento de Sarah Bernhardt...

(SEM DATA)

Onze está você esta noite? A sua carta chegou as mãos há uma hora...

Hoje não posso mais viver separada de você as suas palavras, mesmo quando asperas...



A União

Fundada em 1892 - Patrimônio do Estado

Diretor - SABINIANO MAIA

Correio das Artes

Direção de CELSO OTAVIO NOVAIS

Redação e Oficinas:

Edifício da Imprensa Oficial - R. Duque de Caxias João Pessoa - Paraíba do Norte - Brasil

GOVERNADOR FLAVIO RIBEIRO COUTINHO



TRANSCORREU na noite 20 do corrente o aniversário do Dr. Flávio Ribeiro Coutinho...

Os que fazem o "Correio das Artes", não poderiam deixar passar a satisfação de registrar essa efemeride...

A UNIÃO, em tão boa hora dirigida pelo jornalista Sabiniano Maia. Nesta oportunidade o "Correio das Artes" formula ao Governador Flávio Ribeiro os melhores votos de felicidade pessoal...

"PAISAGEM E FIGURA" de Lucilo Varejão

O tema das recordações e velhas lembranças sempre seduziu aos homens de letras. Não são poucos os livros de memórias que obtiveram êxito editorial...

Essas breves considerações nos foram sugeridas pela leitura do livro do Sr. Lucilo Varejão "Paisagem e Figura", edição da Im-

prensa Oficial de Pernambuco -- 1956. De suas páginas vigorosas ressaltam a figura e a personalidade do escritor pernambucano, tão autenticamente presente pela enorme saudade dos instantes que se foram...

A literatura memorialista de Pernambuco encontra nos escritos do Sr. Lucilo Varejão um dos exemplos mais fecundos de tenacidade e amor ao passado...

O "BOOK REVIEWER" GEORGE ORWELL

Juarez BATISTA

Descobri que George Orwell foi também um "book reviewer" profissional, além do ensaísta inteligente dos "Critical Essays".

do-o intimamente, vão denegriando e denegrindo, diante dele tudo o mais que vier dos outros. Fica um homem preterido com Deus e o mundo...

Agora fico pensando com tristeza que não foi aos seus ensaios que Orwell terá dedicado o seu talento, os seus rancores, a sua força. Na verdade, não terá sido nunca um homem de coragem e suas energias poderosas...

sumido tudo afundado no meio de quantos "Métodos científicos da indústria de laticínios" tenham no acossado, que ainda há gente neste mundo que mania murmurar essas coisas por mais incrível que pareça...

TESTAMENTO

Deolindo TAVARES

A meu pai deixo minhas dívidas, e a guarda da mulher amada que nunca me foi fiel

um só minuto de sua vida; a meu irmão deixo minhas roupas e sapatos, e que ele nunca ande pelos caminhos que eu andei;

a minha irmã deixo a dentadura da pianola, para que ela se alimente pelo resto da vida com a ilusão de que é uma grande artista; a meus amigos deixo meus travestis de pa-lhaço,

porque os seus já estão bem estragados; às tias solteironas deixo minha memória que elas imortalizarão num monumento de lagrimas histericas.

Agora que dei tudo e só possuo meu corpo inútil, peço que sobre ele plantem madressilvas e gerânios vermelhos como sangue,

de Lawrence. E já que vivi deste céu, deste mar e deste mundo,

deixo a este céu, a este mar e a este mundo, a estas paisagens que encheram meus olhos e que muito amei, uma gaveta onde estão trancados poemas imortais.

Não esqueçais de plantar sobre meu corpo perfeitamente inútil

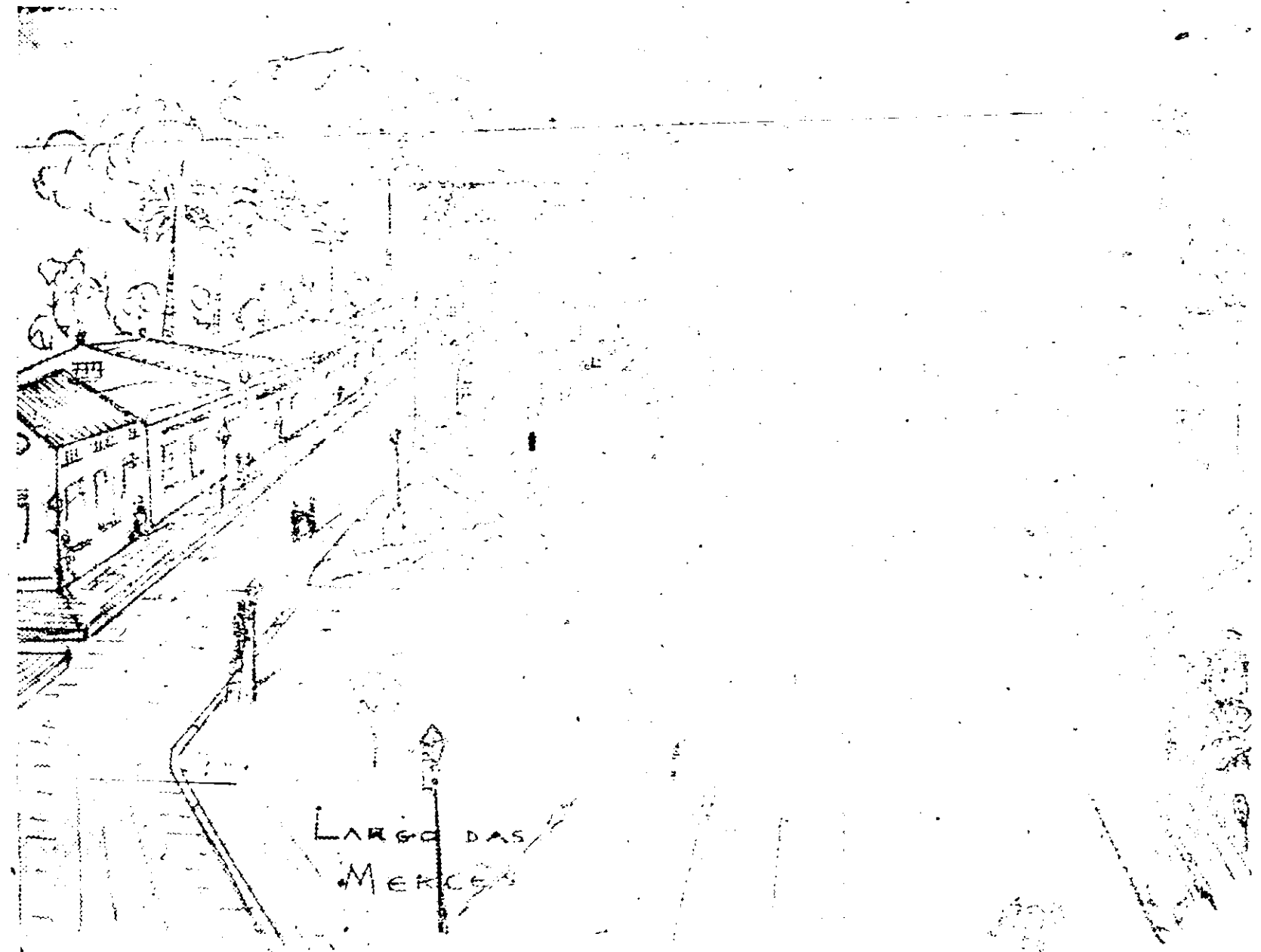
madressilvas e gerânios vermelhos da cor dos gerânios vermelhos como sangue, de Lawrence.

Dali, ficou quase incabado. Autor de grande luta e obra escassa, tentava um mesmo ensaio a quatro ou cinco revistas, e voltava desanimado, para detrás da sua mesa na redação dos jornais...

América deia há bem pouco seu grande crítico americano. Da um aceno na gente se lembrar daquele homem de tantas sensibilidades um imaginativo, um curioso que gostava da curiosidade como "hobby" e para quem os acontecimentos são sempre novos e sugestivos...

Fico pensando hoje de forma diferente sobre esse George Orwell dos "Ensaíos" que co-nhecia há tanto tempo e agora se inaugura para mim uma forma complexa de piedade com que, sem dúvida, ele não havia de con-cordar.

VISÃO DA CIDADE ANTIGA



Reconstituição, a bico de pena de Fernando Carlos Farias, da atual Praça 1817, antigo Largo das Mercês. A antiga Igreja das Mercês encontra-se hoje localizada no Largo da Fátima, por força dos planos de urbanização da cidade. A antiga Igreja datava do século XVII, de construção lusitana, e ficava na parte sul da Visconde de Pelotas, (à direita da gravura). No lado esquerdo vemos a porção norte da "Rua das Palmeiras", que, sem dúvida recebeu este pitoresco nome das altas árvores plantadas naquela arteria. Segundo se diz, encontra-se em nosso Museu do Estado, uma pedra calcária dos alicerces daquele templo destruído, recolhida pelo Instituto Histórico e Geográfico Paraibano. Foi igualmente preservado o "cruzeiro" da referida Igreja, já tão popular entre nossos indígenas, pelas orações e promessas que ali eram, religiosamente, feitas e cumpridas. Os lampiões e o "bond" à tração animal, com suas cortinas listadas, da então "Ferro-Carril — Paraibano", emprestavam ao logradouro aquele ar tão característico dos "bons tempos" da Paraíba de antanho...

FORMAS

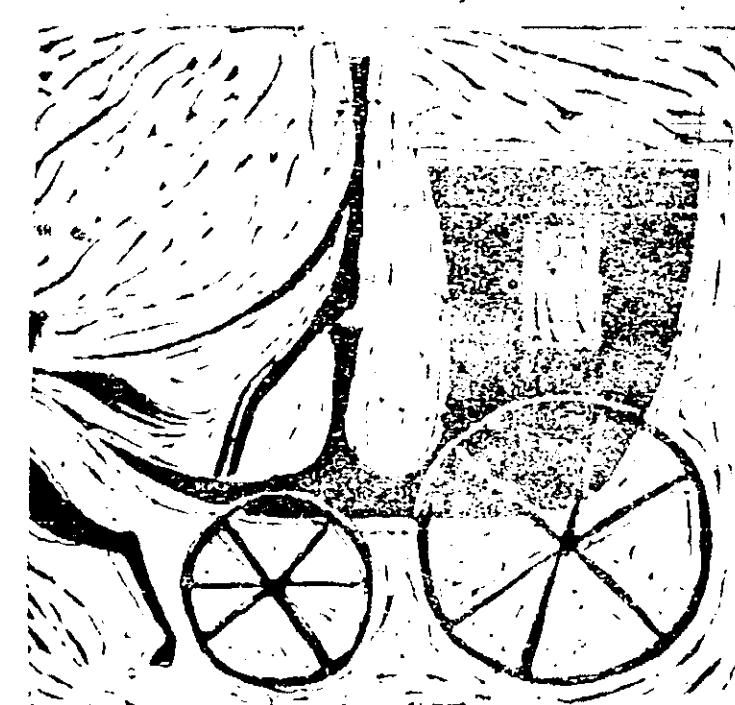
Letra de Osorio PAES

Oh! pallidez immacula, bem dita,
À pallidez serena do teu rosto.
Que me tem sido tanta vez maldita
Que tem sido na vida o meu desgosto!

Mimosos olhos, assassinos olhos
Brilhando em convulsões de quem padece
Pharol mostrando a ponta dos escolhos:
Elevo nesta luz a minha prece.

Mimosa bocca, bocca pequenina
Prendendo sempre o riso de quem chora:
Eu vejo nella escripta a minha sina,
Sorriso que tem sido minha aurora!

Eburneos seios, seios perfumados,
Sedosos pomos — santo relicario:
Tem sido tantas vezes meus peccados
Serão talvez, quem sabe? o meu calvário!



PROGRESSO

Inédito de Peryllo DOLIVEIRA

Cidade velha do interior,
Somente duas vezes por semana
passa pela rua principal
um automóvel barulhento,
arrepiando a quietude habitual
dos dias certanejos cheios de sol.

E apressadas sorridentes
alisando com as mãos os cabelos despenhados
aparecem nas janelas silenciosas
duas ou três moças curiosas
que querem ver quem vai dentro do Ford.

Arquivos
da Província

ELEGIA

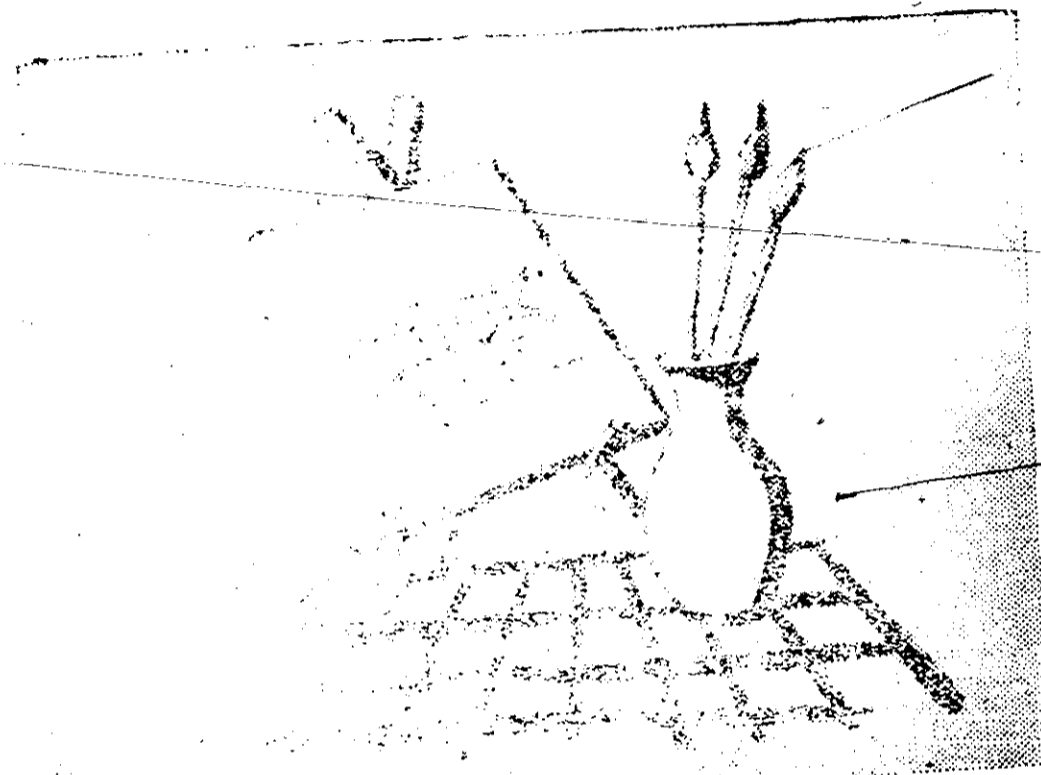
Eduardo MARTINS

Que destino é o teu agora quando tudo é lembrança?

Antes para o Negro imagem, prisioneira do tempo.

Hoje, apenas cinzas frias — guardam fôrmas claras.

Que destino é o teu agora quando tudo é silêncio?



POEMA

Maria RAMOS

Puz minha rosa, n'água que restou no copo esguio de cristal polido, em que você bebeu...

Passaram dias, passaram horas e a rosa branca não feneceu...

Era o teu sonho? Era o teu pranto? Era a tua alma?

— Minha verdade dela nasceu.

mesclar-me? Sem dizer que de um grande homem se esperam novos e contínuos milagres, e eu não os poderia, por não os operar.

Construir um monumento colossal e maravilhoso, que pesa resistir aos milênios e aos catástrofes? Mas, néste caso, célebre se tornariam o nome do monumento e o dos artistas que o fizeram: só os exaltados saberiam o nome de que o havia custeado.

Eu não sou de quem se espera a imortalidade com o passar do tempo. Eu não sou de quem se espera a verdade o que, nos primeiros anos, me repelia. Eu não sou de quem se espera a riqueza. Eu não sou de quem se espera a fama. Eu não sou de quem se espera a glória. Eu não sou de quem se espera a honra. Eu não sou de quem se espera a nobreza. Eu não sou de quem se espera a grandeza. Eu não sou de quem se espera a eternidade. Eu não sou de quem se espera a imortalidade. Eu não sou de quem se espera a eternidade. Eu não sou de quem se espera a imortalidade.

Alguns santos, alguns filósofos gozam de uma fama duradoura e de profunda grandeur. Mas não me tirevo e vireme entre heróis e ca. em uma campanha para a redenção das velhas vestes. O meu amor pelas honras era a tal o. honras e, por isso, não fiz. O meu intuito é mais do que se poderia fazer mal.

FOLCLORE:

REZA PARA CURAR NO RASTRO

Hélio ZENAIDE

Em dezembro de 1952 encontrava-me na fazenda Catolé, quase ao sopé da serra da Carneira, ao norte de Joazeirinho.

Era hospede de Jaime Ferreira, conhecido fazendeiro naquela região, filho do famoso Marinheiro José Ferrel, português que viveu durante muitos anos naqueles cariris, onde deixou numerosa família.

A preocupação geral aquela época era a seca já bastante prolongada.

Em Catolé ainda havia água nas cacimbas do rio.

O gado, entretanto, passava fome e sede, de vez que era levado para os macambirais distantes do rio, onde lhe preparavam a magra e providencial ração de xique xique e macambira queimados, sendo obrigado a um longo percurso diário, exaustivo e muitas vezes fatal.

A estiagem surpreendera os criadores do cariri, desprevenidos sem as reservas imprescindíveis dos palmatorais que agora estão restaurando.

A paisagem era verdadeiramente desoladora.

Sobretudo nos trechos onde mais fortes se faziam sentir os desastrosos efeitos da erosão, como nas proximidades da fazenda Catolé.

Nada decorava a quebra paisagem triste do planalto da Borborema, a não ser os facheirais cinzentos, com as suas lanças erguidas para o céu, e a

comprida lombada da serra que nos transporta ao Serido.

Conversava, um dia com os vaqueiros, quando se falou numa vaca que andava com bicheira. Conversa puxa conversa saiu em cena o nome de uma "rezadeira" — Maria Matias — que morava na vizinhança.

Fiquei logo curioso de conhecê-la.

Queria ver a mulher que rezava no rastro para curar a animais doentes de bicheira. E desejava apreender a milagrosa reza.

Mandei um recado para que se me apresentasse na fazenda. O portador, porém, no dia seguinte, decepcionou-me com a resposta: "a velha não quer vir, encabulada". Foi preciso que enviasse um padrinho mais forte. Dois dias depois, afinal, tive a honra de receber a desejada visita.

Dona Maria Matias era uma mulher de seus sessenta anos de cariri. Era de fato "rezadeira", mas gozava de melhor fama como parteira ou assistente na redondeza.

Tive um trabalho para convencê-la a ensinar-me a tal reza.

"O bicho pode estar frívolo, dotado, mas seguro-me com fé inabalável, mas eu rezando fica bom".

De lápis e papel na mão, fui taquigrafando a conversa da velha.

"O sinhô dá com o rastro do bicho no cado e reza assim:

(Conclui na 10ª página)

Este... Carlos Pena Filho... "O TEMPO DA CA". Deleto... "Vinda Santa". Carvalho, Carlos P... pertence à... te parará... de Recife... entre os mais...

Carlos Pena Filho



MEU

Façam o que quiserem com o seu corpo Depois que ele morrer Porque tudo que está no mundo E era meu (Meu unico meu) Só morrerá comigo.

Poema de Celso Gervasio NOVAIS

Ilustração de Arnaldo TAVARES

Para a grande maioria de nosso mundo literário David Herbert Lawrence constitui a penas isto: um onusado explorador das virtualidades eróticas e sexuais do romance contemporâneo. Uma espécie de Laclos sem nenhuma genialidade, mas simplesmente obsceno. E este equivoco em face da obra do autor de "O amante de Lady Chatterley" e devido sem nenhuma dúvida a ausência quase total de boas traduções dos seus principais livros para a nossa língua. Foi aquela novela, no entanto — muito embora seja a menos representativa de seu gênio — que tornando-se a mais conhecida e divulgada, entre nós lhe tem valido esta visão equivocada e mutilada do verdadeiro valor de sua obra inegavelmente fecunda e variada.

Lawrence foi um escritor prolífico, que apesar de sua curta vida, pois morreu aos 45 anos apenas, escreveu uma obra das mais vastas abrangendo desde os poemas até as inumeráveis novelas e ensaios críticos ou mesmo filosóficos. Foi sobretudo o escritor que embara mantendo uma admirável fidelidade, em sua vida e em sua obra, a certas intuições essenciais, não conhecia o cansaço nem o medo, quando se tratava de dizer claramente o que sentia ou o que pensava.

O caso de sua novela amante de Lady Chatterley revela esse aspecto de seu temperamento inconformado e decidido: escreveu três versões distintas desse livro que sabia colocar em jogo a sua própria reputação de escritor laboriosamente obtida. Não hesitou, porém um instante, em publicá-la apesar de reconhecer

AS CARTAS DE LAWRENCE

Wilton VELOSO

a perigosa reação que a mesma provocaria pela incompreensão habitual de um mais alta intenção de arte. "Se me propõem escrever sobre o que te jo: porque não te escrevo?" pergunta de em carta a Aldous Huxley. Em outra carta dirigida a uma prima sua confessa

da chamada mass. Foi ele de diz: amei em Florença onde estava "Estou cheio de incerteza por minha novela "Lady Chatterley's Lover". Ela é exatamente aquilo que o mundo chamaria de uma inconformidade. Porém, você sabe que não é verdadeiramente

inconformante. Eu tenho sempre trabalhado, incansavelmente a mesma coisa: fazer com que a relação sexual seja válida e precisa em vez de ser vergonhosa, e esta novela marcou o limite máximo por mim alcançado." Lawrence era pois um escritor que não recuava diante de nada, não possuía o medo tão comum a maioria dos intelectuais quando se trata de saltar a própria pele ou resguardar a segurança comprometida. Por isso mesmo e que teve ele a mão agitada, a mais inquietada e a mais perseguida existência que um escritor jamais poderia ter. Vida de uma lealdade absoluta às suas ideias fundamentais, sem os escrúpulos e sem as transigências medrosas dos que preferem antes ficar bem com os outros do que consigo mesmo. E Lawrence era sobretudo fiel a si mesmo. Colocava o seu espírito, a sua carne e o seu sangue no que dizia ou escrevia. "Quem toca os livros de Lawrence toca um homem", dizia Richard Aldington numa carta a Huxley. E nisto consistiu, sem dúvida, o drama laurenciano: foi difícil para ele ser verdadeiro num mundo em que tudo é falso. E verdade que na base da parte construtiva da obra de Lawrence está seu erotismo. A reprovação ou a condenação dela, contudo, será sempre uma atitude apressada e superficial, excessivamente puritana que somente impedirá uma compreensão mais ampla de seu verdadeiro sentido.

Basta lermos a sua vasta correspondência reunida por Aldous Huxley, — um dos poucos escritores que manteve com ele a mais íntima

Balada Urgente do Açude Velho

Eduardo RAMIRES

Menino aquele açude é um perigo. Mãe, eu só vou olhar. Vá. Um dia, a lavadeira bonita me chamou. E eu só não fui com medo. Outra vez, um moreno tocador de cuica. No Carnaval bebeu ostensivamente. Aquele açude é um perigo. Na quarta-feira apareceu boiando. Depois a história muito triste. Dos tétos sem futuro nenhum.

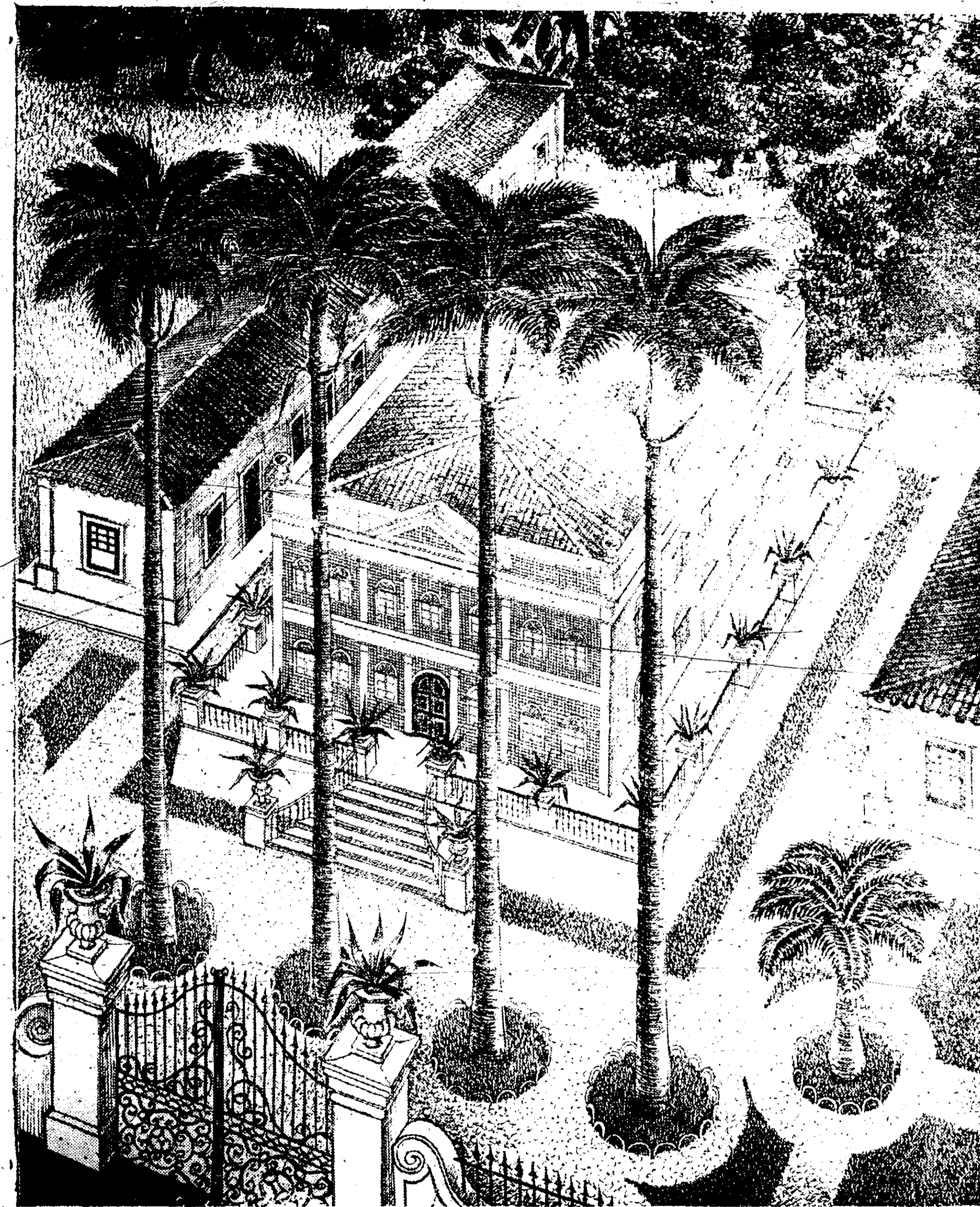
Duvido ir até o capim. O meu primeiro contacto com os abismos. O velho de Massaranduba e que esteve. E fez bonito em S. Paulo na guerra de 39. Diz, orgulhosamente: Já vi esse açude sequinho, sequinho. Que se atravessava a pé. Acreditei desacreditando.

Depois fui ver o mar. Não achei graça. Nem tristeza. Nem nada. Não se atravessa de ponta a ponta. Um dos motivos por que voltei. Ver o Açude Velho com geito de criança abandonada.

O Açude que banhou anacoretas. Chassiz de caminhão, suicidas. E deu uma demão na formação do poeta. O geito de tarde a dizer adeus. Aos que vão chegar, e ficam. Açude municipal, sem moças de short. Sem turista americano, sem kodaque. Açude do meu pobre soneto parnasiano. Es inconsolável.

Oferatório:

Açude, meu amigo de hoje, de ontem, de amanhã. Você merecia muito mais. E se eu nunca mais fui ver você. E só por causa daquela malvada. (Basta o pranto que já derramamos juntos)



SOBRADO PATRIARCAL SEMI-URBANO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

(Desenho de L. Cardoso Ayres para "Sobrados e Mocambos" de Gilberto Freyre)

(Conclue na 14ª pag.)



...a experiência hu-
mana, de seu fundo
significado religioso que
levou Lawrence pelos
caminhos palpantes
da terra. Na verdade,
não temos dúvida, de
pois de sua leitura, que
elas refletem integral-
mente e de uma man-
eira ainda insuspeita-
da o ciclo da criação
laurenciana. Escritas
como foram dos mais
variados recantos da
terra em sua infatiga-
vel peregrinação, e na
constante fuga de to-
dos os climas que não
conheciam a represen-
tação de seu gênio, elas
traçam uma qualidade
de pureza existencial
que nos aproxima at-
raves de dele através
do mundo do verbo e
do símbolo fundamen-
tal de uma pátria
perda. De onde ele des-
ce, do mundo da vida,
de onde a natureza e sim-
plesmente da Tosca-
na ou da Sicília, até
as montanhas austrá-
licas, lá, bem do cen-
tro da sua novela Kai-
... Lawrence
... amar
... os poros a
... se sentir sem
... estrangeiro em
... e até na pro-
... Inglaterra. A
... de 14 tirara pa-
... de a significação
... uma irreparável ca-
... dáde espiritual o
... brigendo-o a um per-
... nante e voluntário
... castigo de
... uma continuação evasão
... para não presenciar o
... espetáculo de um mun-
... do na mais trágica das
... decomposições. E em
... hora inútil essa evasão
... de a tentou sempre
... numa esperança deses-
... perada de encontrar
... um mundo para ele
... ainda imaginário mas
... com o qual nunca dei-
... zou de sonhar. Referia-
... se vagamente às vezes,
... a uma misteriosa ilha
... chamada Ranarin uma

... espécie de reino de
Passárgada do nos-
so poeta, ou ainda mul-
to semelhante a uma
Shangrilá de James
Hilton.

As cartas desse pe-
ríodo refletem esse seu
profundo horror à guer-
ra e esse desejo inten-
so e quase obsessivo
de isolamento que ja
mais cessou de buscar.
Isolamento que tinha
suas vantagens para o
seu corpo e para o seu
espírito, mas que im-
punha também para
Lawrence como escri-
tor os mais terríveis
castigos. Por isso ele di-
zia numa dessas cartas a
Cynthia Asquith: "Se
eu estou em alguma
contradição com o es-
pírito da guerra, se a
guerra prevalece, eu
vivo vivo. Se prevalece
o amor, não existe a
guerra. A guerra é um
grande e necessário
processo desintegrador.
O amor é o grande pro-
cesso criador, como a
primavera, e o realiza-
dor de uma unidade
integral de muitos la-
tores desintegrados. Es-
ta é a razão porque es-
tou tentado a deixar
o país. Todavia é pos-
sível que eu tenha de
fome embora, porque
nunca poderei aceitar
a completa desintegra-
ção, e nem sequer "pro-
sciência-la" iniciei as-
sim Lawrence uma pe-
regrinação sem fim pe-
la Índia, México, Aus-
trália, Espanha, Itália,
França, através de al-
deias e vilas campe-
stres, nessa procura in-
cessante do reino de
seus deuses, que era
tanto maior quanto
mais ostensiva se tor-
nava a hostilidade de
sua pátria nativa ao
intimo mistério de sua
inteligência rebelada e
solitária. E assim se ex-
plica o fato de apesar
de ter nascido na In-
glaterra e ser profun-
damente inglês, La-
wrence se sentia per-

tencer a uma pátria
mais profunda, a uma
pátria pela qual lutou
sempre com um esfor-
ço maior que o da
guerra dos homens:
um mundo novo de
fraternidade e compre-
ensão total entre ho-
mens e mulheres. Po-
rém, como disse numa
de suas cartas a Hux-
ley, seu mundo não es-
tava na dimensão ter-
restre, e teve que lutar
por ele apesar de tudo.
As guerras dos ho-
mens passam como nu-
vedas de louçães des-
truidores, mas não a
luta eterna travada
para uma e para cons-
tante pelo espírito pe-
lo mundo para a de-
fesa deste mundo. Tu-
do isso não sabemos e
só podemos melhor com-
preender com a leitura
de Lawrence. E
... da abertura ao
fim da última carta
escrita em Vence temos
que considerar como Ro-
berto Kerters, um de
... mais li-
... a existência de
Lawrence era um rei-
... uma fonte viva
... conhecimento dela
... amor, ainda
... do homem genial
... ele foi, e nos faz
... também um es-
... que sofreu o vos-
... só mal, mas que acima
... tudo acreditou e
... que ser o protótipo de
... um novo modo de exis-
... tência e de um ritmo
... do mundo novo.

... tencer a uma pátria
mais profunda, a uma
pátria pela qual lutou
sempre com um esfor-
ço maior que o da
guerra dos homens:
um mundo novo de
fraternidade e compre-
ensão total entre ho-
mens e mulheres. Po-
rém, como disse numa
de suas cartas a Hux-
ley, seu mundo não es-
tava na dimensão ter-
restre, e teve que lutar
por ele apesar de tudo.
As guerras dos ho-
mens passam como nu-
vedas de louçães des-
truidores, mas não a
luta eterna travada
para uma e para cons-
tante pelo espírito pe-
lo mundo para a de-
fesa deste mundo. Tu-
do isso não sabemos e
só podemos melhor com-
preender com a leitura
de Lawrence. E
... da abertura ao
fim da última carta
escrita em Vence temos
que considerar como Ro-
berto Kerters, um de
... mais li-
... a existência de
Lawrence era um rei-
... uma fonte viva
... conhecimento dela
... amor, ainda
... do homem genial
... ele foi, e nos faz
... também um es-
... que sofreu o vos-
... só mal, mas que acima
... tudo acreditou e
... que ser o protótipo de
... um novo modo de exis-
... tência e de um ritmo
... do mundo novo.



... tencer a uma pátria
mais profunda, a uma
pátria pela qual lutou
sempre com um esfor-
ço maior que o da
guerra dos homens:
um mundo novo de
fraternidade e compre-
ensão total entre ho-
mens e mulheres. Po-
rém, como disse numa
de suas cartas a Hux-
ley, seu mundo não es-
tava na dimensão ter-
restre, e teve que lutar
por ele apesar de tudo.
As guerras dos ho-
mens passam como nu-
vedas de louçães des-
truidores, mas não a
luta eterna travada
para uma e para cons-
tante pelo espírito pe-
lo mundo para a de-
fesa deste mundo. Tu-
do isso não sabemos e
só podemos melhor com-
preender com a leitura
de Lawrence. E
... da abertura ao
fim da última carta
escrita em Vence temos
que considerar como Ro-
berto Kerters, um de
... mais li-
... a existência de
Lawrence era um rei-
... uma fonte viva
... conhecimento dela
... amor, ainda
... do homem genial
... ele foi, e nos faz
... também um es-
... que sofreu o vos-
... só mal, mas que acima
... tudo acreditou e
... que ser o protótipo de
... um novo modo de exis-
... tência e de um ritmo
... do mundo novo.

Pintura Paraibana



Apesar de, às vezes, ser difícil a reprodução fotográfica de um quadro, o clichê que publicamos acima constitui uma mostra significativa do progresso de nossa pintura, que tem em J. Lira um dos seus mais autênticos representantes.

... a continuação da 10ª pa-
... não podia sofrer a
... da natureza, ele não
... que mais parte a sua vida
... em, senão no...
... quando me encontrava neste
...
... Viagem, em procura do
...
... As estradas por cima do
... dentro do tabuleiro
... O calor interno dava
... impressão de se estar a
... de um torço imenso.
... Era quente mesmo.
... Parámos numa casa para
... da estrada! Lá estava o
... que homem pensativo, com

... as mãos no queixo
... Boa tarde!
... "Boa tarde!"
... Meu amigo, há quanto
... tempo não chove por aqui?
... Há cinco "dias" há
... alguma gotinha. Era ainda em
... Cabaceiras.
... Já era noite, quasi. Para-
... mos numa casa de fazenda.
... Ah, vamos pra dentro. Tu-
... dos estavam cheios de po-
... eira, cansado, sede e fome!
... A água mineral que os car-
... ros levavam, nas malog tra-
... zeiras, esquentava! Ninguém
... suportava aquela água quente!
... Deu vontade de vomitar.

... tudo. Comemos galinha cozida,
... gura, gura como se não
... tivesse ido ao fogo, cuscuz
... feito a milho, escaldado, li-
... gado, e bolachas bem duras
... de mastigar, doce e café.
... Pela madrugada saímos ao
... campo com o fotógrafo, fle-
... também era madrugador. Os
... animais dormiam no cur-
... ral. Uns mugiam!
... Olha aquele touro ain-
... da a correr atrás daquela ma-
... drugada!
... Como era bela aquela ma-
... drugada!
... Comemos muito, apesar de

Noticias do Rio: 305º Aniversário de Rembrandt

Teve início no dia 16 do corrente, na capital da República, as comemorações do 305º aniversário do nascimento de Rembrandt, com a inauguração da exposição de inumeras reproduções do grande pintor holandês.

O Governo e o Livro

Patrocinado pelo Instituto Nacional do Livro e a Diretoria de Turismo e Certames da Prefeitura Municipal, inaugurou-se no edifício da A. B. I. uma mostra de publicações oficiais que vem despertando real interesse.

Festival de Danças Folclóricas

Será realizado em Setembro próximo o I Festival Internacional Estudantil de Danças Folclóricas, no Rio de Janeiro. Foi iniciativa da União Metropolitana dos Estudantes Ativos os trabalhos de preparação para esta reunião, que marcará um dos acontecimentos deste ano. No corrente mês, está efetuando um Festival Nacional, destinado a selecionar a delegação que representará o Brasil no grande certame artístico. Poderá participar do Festival qualquer entidade estudantil, de caráter nacional ou estadual. Numerosas providências estão sendo tomadas pela direção do Festival, bem como pela União Metropolitana dos Estudantes, para assegurar completo êxito ao certame.

... tudo. Comemos galinha cozida,
... gura, gura como se não
... tivesse ido ao fogo, cuscuz
... feito a milho, escaldado, li-
... gado, e bolachas bem duras
... de mastigar, doce e café.
... Pela madrugada saímos ao
... campo com o fotógrafo, fle-
... também era madrugador. Os
... animais dormiam no cur-
... ral. Uns mugiam!
... Olha aquele touro ain-
... da a correr atrás daquela ma-
... drugada!
... Como era bela aquela ma-
... drugada!
... Comemos muito, apesar de

